

Recebido em: 01/02/2023

Revisado em: 27/03/2023

Aceito em: 15/04/2023



**Revista  
Contemporânea**

PRODUÇÃO INTELECTUAL EM ARTIGOS E REVISTAS

e-ISSN: 2675-2107

JULHO 2023 – VOL. 5 – N. 1

## **AÇÃO COMUNICATIVA NO TRABALHO DE BASE DO MST TRANSFORMA EX-GARIMPEIROS DE SERRA PELADA EM ASSENTADOS NA PALMARES II**

### **COMMUNICATIVE ACTION IN THE GRASSWORK OF THE MST TRANSFORMS EX-GARIMPEIROS FROM SERRA PELADA INTO SEATERS IN PALMARES II**

Jax Nildo Aragão Pinto<sup>1</sup>

Marcelo Barbalho<sup>2</sup>

Thais Alves Rabelo Valente<sup>3</sup>

**Resumo:** A partir do contexto político do final da ditadura militar (1964-1985) e das primeiras ações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Pará, este artigo procura mostrar que o garimpo de Serra Pelada, que na década de 1980 atraiu milhares de homens e mulheres em busca de ouro, mantém relação com a fundação de assentamentos rurais no Sudeste do Pará. Para isso, destacam-se a ação comunicativa e o processo de comunicação relacional estabelecido por integrantes do MST e camponeses, incluindo ex-garimpeiros de Serra Pelada que participaram da fundação do Assentamento Palmares II, em Parauapebas, em 1996.

**Palavras-Chave:** Ação comunicativa. Serra Pelada. MST.

**Abstract:** From the political context of the end of the military dictatorship (1964-1985) and the first actions of the Landless Rural Workers Movement (MST), in Pará, this article seeks to show that the serra pelada mining, which in the 1980s attracted thousands of men and women in search of gold, maintains a relationship with the foundation of rural settlements in southeastern Pará. For this, we highlight the communicative action and the process of relational communication established by MST members and peasants, including former prospectors from Serra Pelada who participated in the foundation of the Palmares II Settlement in Parauapebas in 1996.

**Keywords:** Communicative action. Serra Pelada. MST.

## **INTRODUÇÃO**

<sup>1</sup>Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Doutor em Saúde Pública (ENSP/FIOCRUZ), E-mail: [jax@unifesspa.edu.br](mailto:jax@unifesspa.edu.br). (\*) Autor para correspondência.

<sup>2</sup>Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Doutor em Comunicação e Cultura (ECO/UFRJ)

<sup>3</sup>Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), Especialista em Gestão Pública e Tributária (UNIFESSPA).

## 1. Garimpeiros e MST: um processo de comunicação relacional

O garimpo de Serra Pelada, que surgiu no início da década de 1980 no Sudeste do Pará e arrastou multidões em busca de ouro, não existe mais – foi desativado em 1992, pelo então presidente Fernando Collor de Mello. A maior parte dos garimpeiros voltou para seus Estados de origem – entre eles Maranhão, Ceará e Piauí, no Nordeste –, para suas cidades no próprio Pará – ou continuou na vila que se formou ao redor do garimpo, mantendo vivo até hoje o sonho do ouro.<sup>4</sup> Uma outra parte dos garimpeiros substituiu as esperanças desiludidas de enriquecer da noite para o dia por um pedaço de terra para viver e plantar. Um sonho, que apesar de mais modesto, também não era fácil de ser realizado. Mas se a luta pela terra se mostrou igualmente dura e trágica – vide o massacre de Eldorado dos Carajás, em 1996, que vitimou dezenove camponeses, entre eles ex-garimpeiros de Serra Pelada – também foi compensadora. Ao menos para aqueles que participaram da fundação do Assentamento Palmares II, ligado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O objetivo deste artigo é justamente demonstrar que há um ponto de contato entre a determinação dos garimpeiros na busca pelo ouro e a luta dos trabalhadores pela posse da terra, tendo como pano de fundo as condições político-econômicas que envolveram, nos últimos anos da ditadura militar, o surgimento de Serra Pelada e do MST no Pará.

Nesse processo, se destaca o fato de que as atividades do MST que possibilitaram a criação de Palmares II fizeram parte de um conjunto de “estratégias camponesas” que consideram a comunicação uma ferramenta indispensável na construção da sociabilidade e na organização da luta por melhores condições de vida. O acolhimento e a colaboração entre lideranças do MST e garimpeiros de Serra Pelada constituíram processos comunicativos que não necessariamente são mediados pelos meios de comunicação de massa. A ideia de comunicação passa pela construção de relações entre sujeitos que se referenciam reciprocamente e interferem na sociedade. Um tipo de comunicação que possibilita o encontro de consciências, de experiências de vida, que se reconhecem na práxis do trabalho de base realizado pelo movimento camponês junto a pessoas socialmente marginalizadas e ignoradas pela lógica do capital que se instalou na fronteira amazônica. A comunicação é então compreendida como um processo de interação construído simbolicamente por diferentes atores sociais, em um contexto específico – nesse caso, a luta pela terra.

---

<sup>4</sup> Boa parte dos garimpeiros que ainda vive em Serra Pelada diz existir, no fundo do lago contaminado por mercúrio que hoje ocupa o lugar da antiga cratera, uma grande quantidade de ouro.

Habermas (2012), aponta em suas reflexões sobre a ação comunicativa e interações sociais, que a emancipação emerge em um contexto de razão e comunicação, como mecanismos capazes de romper com a dominação e a manipulação constitutivas da modernidade, permitindo aos atores sociais uma práxis comunicativa segundo o mundo da vida, libertando-se das amarras do mundo do sistema que produz alienação.

Portanto, os “processos comunicativos” – termo adotado por Muniz Sodré (2007) – estão além da simples emissão e recepção de mensagens por meio de veículos midiáticos e funcionam como instauradores das interações entre os atores e a realidade social na medida que estabelecem diálogo com os “trabalhadores esperançosos” que sonhavam enriquecer da noite para o dia no garimpo e que mais tarde se engajaram na luta pela terra. Essa concepção relacional de comunicação acontece em função da troca de experiências e histórias de vida. No caso do MST, quem realiza o trabalho de base são, em sua maioria, peões de fazenda, pequenos agricultores, boias-frias e ex-garimpeiros que já tiveram acesso à terra ou que estão em busca de garantir o seu lugar no território. Assim, o lugar comum, marcado pela luta histórica no meio rural na Amazônia, possibilita a comunicação, o entendimento e o fortalecimento de processos e conquistas do MST. Sodré (2014) afirma que a partilha e as interações sociais organizam mediações simbólicas de modo consciente ou inconsciente, produzindo uma comunicação no espaço de vida e de reprodução social. A relação de confiança estabelecida entre os garimpeiros e o MST foi fundamental para a criação e consolidação do assentamento, que tem cerca de 14 mil habitantes e continua sendo uma alternativa de acolhimento aos migrantes que chegam ao Pará em busca de trabalho. Neste texto, isso é notável através de extratos de entrevistas feitas com moradores de Palmares II que trabalharam em Serra Pelada.<sup>5</sup>

## **2. ‘O revólver que atira mais alto é o meu’**

Serra Pelada, o maior garimpo a céu aberto do mundo, atraiu milhares de homens e mulheres, em sua grande maioria pobres e analfabetos. O eldorado amazônico surgiu em 1979, quando a notícia de que um pequeno proprietário de terra havia descoberto ouro começou a levar garimpeiros para uma região distante 153 quilômetros da sede do município de Marabá, no Sudeste do Pará. O Brasil atravessava grave crise econômica, com enorme

---

<sup>5</sup> A respeito das entrevistas, vale ressaltar que o tema suscita aspectos ligados à história pessoal de um dos autores, incluindo suas opções éticas e políticas. Desse modo, são valorizados diálogos em que questões, respostas e explicações encontradas na pesquisa de campo são construídas coletivamente, num contexto dinâmico, dialógico.

dívida externa, e a mina de ouro era vista como uma possível solução para os problemas financeiros do país – o garimpo produziu na Amazônia, entre 1980 e 1988, US\$ 13 bilhões, numa estimativa feita pelo Banco Mundial. Muito pouco ficou no país em ouro ou impostos, menos ainda na região (LEONEL, 2020, p. 191).

Serra Pelada fez parte da estratégia do governo militar de exploração dos recursos naturais da Amazônia, baseada em um modelo de desenvolvimento exógeno. Milhares de migrantes seguiram para Serra Pelada – geralmente com idades entre 21 e 40 anos, a maioria do Nordeste, principalmente do Maranhão, fato comum nos garimpos da Amazônia (MATHIS, 1995). Serra Pelada se tornou um assunto de destaque internacional. As histórias de riqueza e violência embaladas pela febre do ouro atraíram a imprensa de diversos países. O garimpo também se tornou tema para muitos fotógrafos, entre eles Sebastião Salgado, que iniciava um projeto sobre o declínio do trabalho manual, “o fim da primeira grande revolução industrial”. É possível considerar que suas fotografias contribuíram decisivamente para a imagem de Serra Pelada que persiste ainda nos dias de hoje: uma massa densa de corpos que se espalham como formigas por uma cratera gigante e cavam a terra em busca de ouro.

Apesar da aparência caótica, a atividade em Serra Pelada era bem organizada. Logo que o garimpo surgiu, o governo do general João Figueiredo (1979-1985) enviou ao local Sebastião Rodrigues de Moura, o major Curió, ex-combatente na guerrilha do Araguaia (FIG. 1). Sua tarefa imediata era assegurar a ordem (ele proibiu o porte de armas, o consumo de álcool e a presença de mulheres, que mais tarde foi liberada), organizar o trabalho (os garimpeiros só podiam cavar a terra verticalmente para não invadir o lote vizinho), controlar a entrada de mais garimpeiros e impedir o contrabando de ouro. O militar dividiu o terreno em trezentos pequenos lotes de terra (“barrancos”, com área de dois por três metros) e os distribuiu aos pioneiros, de acordo com a ordem de chegada. Os homens que vieram em seguida se tornaram empregados dos “capitalistas” (donos dos “barrancos”).



FIGURA 1 – Major Curió (esq.) acompanha o presidente João Figueiredo durante visita ao garimpo de Serra Pelada, em 1982.

FONTE – Arquivo Histórico Manoel Domingues/Fundação Casa da Cultura de Marabá (PA).

Montada por Curió, a estrutura organizacional do garimpo privilegiou os militares do Serviço Nacional de Informação (SNI) que atuaram com ele no Bico do Papagaio durante o combate à Guerrilha do Araguaia (1972-1974). Na faixa intermediária, vinham os homens que trabalharam como mateiros na caçada aos guerrilheiros. E, na base, estavam os trabalhadores rurais que fugiam da seca do Nordeste e camponeses do Sul do Pará e do Norte de Goiás (atual Tocantins) (FERREIRA, 2019, p. 74). Para que a ordem estabelecida fosse cumprida, havia repressão por parte do interventor do governo. Certa vez, no discurso com que iniciava as atividades do dia no acampamento, o major Curió afirmou: “Aqui o revólver que atira mais alto é o meu!” “Em Serra Pelada ele cumpriria uma das últimas ações de direcionamento da massa por parte da ditadura, a primeira e última em que a ditadura teve êxito no seu sonho de amansar e enquadrar as populações rurais” (MARTINS, 2008, p. 156).

Apesar da linha dura implantada pelos militares, havia tensão em torno da mina, onde a violência era uma constante. O fotógrafo Sebastião Salgado, que esteve em Serra Pelada em

1986, registrou um garimpeiro que enfrenta um policial militar em um ato concreto de transgressão da ordem, um questionamento da legitimidade do agente repressor (FIG. 2). Uma atitude desafiadora perante a lei, em uma sociedade que acabara de passar por 21 anos de ditadura militar. A fotografia de Salgado mostra o trabalhador, com os pés plantados resolutamente na terra, determinado a não ceder um milímetro. Sua mão esquerda agarra a arma do policial. O torso rígido, seus braços fortes e suas pernas musculosas, talhadas nas incontáveis subidas e descidas em escadas improvisadas, com sacos de cascalho nas costas, revelam força e energia. Seu olhar, voltado fixamente para o militar, não tem nada de vago ou sereno: é pura concentração. O corpo do garimpeiro, coberto apenas com um short curto e uma camiseta rasgada, está em perfeito equilíbrio sobre o terreno em declive e contrasta com a figura do policial, fardado e instável. Apesar de diminuído diante da presença inabalável do trabalhador, o militar exprime poder ao encarar o garimpeiro como se tomado pela crença de que é capaz de controlar o mundo à sua volta. É possível considerar que a atmosfera da fotografia revela a situação de conflito que estava presente na epopeia vivida pelos homens chafurdados na lama, cavando em busca de ouro.



FIGURA 2 – Garimpeiro segura a arma de um policial militar. Serra Pelada, 1986.

FONTE – SALGADO, 2019, p. 86, 87.

O ato do garimpeiro é uma forma de ação política executada por alguém cansado de se submeter a condições precárias de existência. De quem clama por justiça, de quem pede o reconhecimento de direitos e de quem sempre ficou à margem das decisões sociopolíticas do país. Sua reação visceral traz à tona a consciência e a convicção de um sujeito que chegou ao seu limite. Ao articular sentimentos de luta contra a opressão e a injustiça, o garimpeiro pode ser visto como um símbolo de resistência contra o poder policial e como uma reação às forças que se opõem ao trabalhador. Ela remete, enfim, à ideia de um levante.

Segundo Judith Butler (2017, p. 24), um levante acontece quando pessoas começam a se agrupar, a se deslocar, a se manifestar em público e agir para dismantelar o regime ou o poder ao qual se sujeitam. “Esses agrupamentos, deslocamentos, manifestações públicas e ações se baseiam na indignação e na recusa, na convicção de que a sujeição não só foi longe demais, mas que, além de tudo, é injusta” (BUTLER, 2017, p. 29). A imagem captada por Salgado, passível de integrar uma “iconografia das revoltas”, é representativa dessa sensação de que a dignidade, vinculada ao limite moral do que deve ser suportado, foi ultrapassada ou negada. O garimpeiro de “coragem admirável” que enfrenta uma “autoridade estabelecida” também se enquadra no que Butler (2017, p. 26) denomina “metáfora estruturante” dos levantes: “a imagem de alguém que se levanta, alguém para quem se levantar representa uma forma de libertação, alguém com capacidade física de se libertar das amarras, das correntes, dos sinais de escravidão, da sujeição, do feudalismo”.

No entanto, o levante não é algo individual, mas sim “uma convicção partilhada que circula entre pessoas”, segundo a própria Butler (2017, p.29). Não existe levante de um homem só. “O levante é sempre uma aventura coletiva, uma palavra que não existe individualizada” (NEGRI, 2017, p. 39). Ou seja, quem faz um levante o faz em conjunto e ao constatar um sofrimento inaceitável. A indignação individual do garimpeiro não teve potência suficiente, ou não provocou comoção suficiente, para mobilizar outros garimpeiros a se rebelarem contra as precárias condições de trabalho e a violência policial – o militar havia se comportado de forma demasiadamente agressiva após prender um trabalhador que invadira o “barranco” de outro garimpeiro. É possível que o desejo individual de enriquecimento fosse mais forte do que a capacidade coletiva de união do grupo. O “nós” não se formou em Serra Pelada.

### **3. Palmares II: símbolo da luta pela terra**

Na fase final do garimpo, na passagem da década de 1980 para a de 1990, quando muitos trabalhadores se deslocavam para as periferias de Curionópolis e Parauapebas, cidades próximas a Serra Pelada, que sofriam com inchaço populacional e índices crescentes de violência, uma parcela dos garimpeiros se aproximou do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). O MST, que havia surgido em 1984, no interior do Paraná, com objetivo de chamar atenção da sociedade para a necessidade de implementação da reforma agrária, passou a organizar ocupações de grandes propriedades improdutivas no interior do país. No Pará, as primeiras ações aconteceram nas regiões Sul e Sudeste. O MST reuniu homens e mulheres que, em sua maioria, se encontravam em situação de exclusão social. Eram pessoas de diferentes lugares e origens sociais, como posseiros sem título de propriedade de terra; pequenos produtores, proprietários ou não; atingidos pela construção de hidrelétricas; seringueiros afetados pelo desmatamento da floresta; assalariados rurais; moradores de periferias urbanas e aposentados que enxergavam no acesso à terra a possibilidade de melhorar de vida (MEDEIROS & LEITE, 2017, p. 29).

Havia também garimpeiros de Serra Pelada. Paraguaio (apud PINTO, 2020, p. 107), que “vivia sem esperança”, conta que dois integrantes do MST<sup>6</sup> foram a Serra Pelada “perguntar quem queria uma terrinha”. “Fui um dos primeiros a dizer que sim. Não aguentava mais Serra Pelada. Eles explicaram que não seria fácil, que seria preciso lutar. Aí eu disse: ‘quem sobreviveu aqui nesse garimpo, sobrevive a tudo’”. Nessa época, o Pará registrava assassinatos de líderes camponeses e defensores dos direitos humanos desde os anos 1970, quando milhares de brasileiros de todas as regiões do país atenderam ao chamado do governo e migraram para a Amazônia para colonizar a floresta, vista como estratégica para os interesses nacionais. Os garimpeiros participaram de uma das ações que pode ser considerada um marco da implantação do MST no Pará, pois serviu de experiência para o movimento se adaptar a um território rico em recursos minerais, alvo de disputas pela terra e com altos índices de violência contra camponeses, além de contar com forte poder de reação dos latifundiários e da Polícia Militar. Em julho de 1992, 548 famílias invadiram as Fazendas Reunidas Rio Branco, em Parauapebas, núcleo central do Programa Grande Carajás da Vale – ex-Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). A ação da polícia foi imediata. Enquanto famílias entravam na propriedade, outras já estavam sendo despejadas. Apesar do cenário conturbado,

---

<sup>6</sup> Paraguaio se refere a Onalício Araújo Barros e Valentim Silva Serra. Conhecidos respectivamente como “Fusquinha” e “Doutor”, eles foram assassinados em Parauapebas, em 26 de março de 1998. Os 22 acusados de serem os mandantes dos crimes, entre eles nove fazendeiros da região, continuam impunes.



o MST conseguiu estabelecer condições materiais e simbólicas para que ex-garimpeiros, ex-agricultores, boias-frias, meeiros e peões de fazenda lutassem pela terra.

Os sem-terra, movidos pelo sentimento de indignação e de injustiça e pela vontade de não se submeter ao poder latifundiário, acamparam por cinco meses na sede do Instituto Nacional da Reforma Agrária (Incra), em Marabá. Depois voltaram a invadir as Fazendas Reunidas Rio Branco. Essa nova ocupação resultou na criação de dois Projetos de Assentamento (PAs): Palmares Sul e Palmares II. Na Palmares Sul, criada em 13 de dezembro de 2001, foram assentadas 327 famílias, que ocuparam uma área de cerca de 9.600 hectares. Na Palmares II, regularizada em 11 de março de 1996, 517 famílias ocuparam uma área de aproximadamente 14.900 hectares. No total, o Incra desapropriou 36.471 hectares das Fazendas Rio Branco.<sup>7</sup> Com isso, garimpeiros de Serra Pelada abandonaram a lama do fundo da cava e fincaram os pés na terra firme, retomando em muitos casos uma antiga relação familiar com a agricultura. Além disso, Palmares II se tornou exemplo de resistência e luta social dos camponeses por melhores condições de trabalho, além de espaço de múltiplas relações sociais.

Emília Godoi (2009, p. 13) afirma que os camponeses introduziram na formação social brasileira, em condições variadas e singulares e mediante resistências de intensidades diversas, uma maneira de acesso livre e autônomo aos recursos da terra, da floresta e dos rios. Ao longo da história, os camponeses dedicaram esforços para legitimar mecanismos de acesso e apropriação da terra e para valorizar os modos de existência decorrentes da vida familiar, vicinal e comunitária (GODOI, 2009, p. 13). Na história das lutas sociais, os camponeses construíram uma cultura de resistência coletiva marcada por disputas, sofrimento, violência e conquista de melhores condições de vida. Ao estabelecer um espaço de produção e reprodução social, a classe camponesa rompeu com as formas de colonização e de invisibilidade que insistiam em subjugar-lá. O combate a essa forma de opressão contribuiu para instaurar liberdade, justiça e dignidade social na Amazônia.

Para autores como Alfredo Wagner Almeida (2010) e Maria Ramos de Castro (2017), a Amazônia, última fronteira terrestre da América Latina que desafia a tecnologia moderna frente à diversidade dos recursos naturais disponíveis, foi objeto de múltiplos movimentos

---

<sup>7</sup> As Fazendas Reunidas Rio Branco pertenciam à família Lunardelli, cafeicultores do Paraná e de São Paulo. No Sul do Pará, os Lunardelli eram donos de cerca de 400.000 hectares. Eram proprietários, por exemplo, da Cia. de Terras da Mata Geral (Fazenda Santa Tereza), com 201.528 hectares, em Redenção; da Administração Agrícola Ltda. (NICOBAN), com 143.847 hectares; e da Fazenda da Companhia de Desenvolvimento do Sul do Pará S/A (CODESPAR), com 52.358 hectares, ambas em Santana do Araguaia (MOREIRA & PEREIRA, 2020).

impostos por colonizadores, como a escravização de indígenas, o trabalho análogo à escravidão de negros/migrantes e a expropriação e expulsão de populações tradicionais de suas terras por meio de violência e massacres. A relação de subordinação, baseada em uma estratégia desenvolvimentista, teve como base uma economia primária-exportadora, vinculada aos interesses nacionais e internacionais. “A história do recente deslocamento da fronteira é uma história de destruição. Mas é também uma história de resistência, de revolta, de protesto, de sonho e de esperança” (MARTINS, 1996, p. 26).

Nesse contexto, a criação de assentamentos como Palmares II representa a busca permanente por terra e trabalho, longe de conflitos e violência, com paz e alteridade. Além disso, coloca o camponês na condição de protagonista ao transformá-lo em um ator fundamental na busca de soluções para problemas como desemprego e sistemas deficientes de saúde e educação. Em Serra Pelada, por exemplo, o sistema de saúde era praticamente inexistente. Há registro de graves problemas de saúde, como malária, lombalgia e febre oropouche – em 1984, o Instituto Evandro Chagas (IEC), em Belém, detectou um surto de oropouche, acompanhado de dor de cabeça e nas articulações, entre os garimpeiros de Serra Pelada. Também era comum os garimpeiros sofrerem com intoxicação por mercúrio e problemas provocados por animais peçonhentos, como cobras (ROSA, 1996). Paraguaio<sup>8</sup> (apud PINTO, 2020, p. 107), ex-garimpeiro de Serra Pelada e hoje morador de Palmares II, conta que contraiu malária “muitas vezes”, trabalhava com “febre e tremor” e que sua coluna “estragou”. Da vida de garimpeiro, “dura e sofrida”, Paraguaio hoje vive em Palmares II. Ele apresenta um breve relato de sua trajetória:

A miséria me fez sair do Maranhão. Sem terra, sempre trabalhei para fazendeiros que pagavam pouco e exploravam muito a mão de obra. Cheguei ao Pará no final dos anos 70 à procura de uma terrinha, porque diziam que tinha muita. Andei por vários lugares, sempre trabalhando para os malditos fazendeiros. Até que um dia uma pessoa me contou sobre Serra Pelada. Disse que tinha muita gente indo para lá porque tinha muito ouro. Não pensei duas vezes. Ah, meu amigo, se a vida já era difícil, ficou pior ainda. Sem experiência de garimpo, fui trabalhar para os outros, carregando cascalho. Ganhava somente para comer, e mal. Em Serra Pelada, tinha muita disputa e o ouro não era suficiente para todo mundo. Uns tinham mais sorte e encontravam ouro, mas gastavam tudo nas festas, nos bordéis e nas bebedeiras. Nas currutelas, havia muita violência e morte. Hoje estou aqui, na minha terrinha. Arrumei uma companheira e de tudo tenho um pouquinho. Mas o mais importante é que tenho dignidade (Paraguaio apud PINTO, 2020, p. 107).

Peruano (apud PINTO, 2020, p. 114), também morador de Palmares II, conta que “vivia mudando de lugar” após deixar seu estado natal, onde trabalhava como meeiro, para

---

<sup>8</sup> Devido à violência relacionada a conflitos agrários no Pará, os nomes dos entrevistados foram preservados. Eles são identificados por nomes de países da América do Sul.

viver no Pará, com “coragem e sonho”. Hoje, Peruano, além de casa e terra para plantar, têm acesso à tecnologia, luz e água. Ele conta que andou por vários garimpos até chegar à Serra Pelada, no início dos anos 1980.

Parecia que todo mundo que era pobre foi para Serra Pelada. Em Serra Pelada, a vida ficou ainda mais difícil por causa da violência e das ‘disputas’. Até consegui um pouco de ouro depois de trabalhar como um escravo. Mas quando achei que tudo ia bem, o ouro já não valia mais nem um prato de comida. Era sempre só um “bandeco” [refeição] por dia: ou almoçava ou jantava. Até que um dia chegou um povo novo, uns jovens sonhadores. Diziam que era possível conseguir uma terra, mas que era preciso lutar. Nós, que só sabíamos lutar na vida, dissemos que então era com a gente mesmo. A vida foi sempre assim, com muita luta. E, graças a Deus, vencemos. Hoje, estamos aqui, em Palmares. Tenho um gadozinho no pasto, umas vaquinhas de leite, uma roça de milho, mandioca, arroz, galinhas, porcos... Não falta nada para comer. Também tem televisão e a casa é grande. E o melhor é que meus filhos estão na cidade, formados e empregados. Depois de tanta luta, a vida se tornou aquilo que a gente tinha sonhado (Peruano apud PINTO 2020, p. 114).

Já as palavras do camponês, identificado aqui como Colombiano, ex-garimpeiro de Serra Pelada e hoje morador de Palmares II, denotam a grandeza da vida de um homem simples, repleta de luta, dignidade, fé e esperança.

Trabalhava na terra com meus pais antes da minha aventura em busca de ouro e riqueza. Me tornei garimpeiro, andava por todo canto que diziam ter um lugar para garimpar. Mas foi em Serra Pelada que fiquei mais tempo. Vive tempos de sofrimento e perdas. Hoje, tenho uma vida boa. Deixei a bebida, entrei para a igreja, tenho minha rocinha, minhas vaquinhas... De tudo, um pouquinho. Meus filhos estão formados pela universidade e foi na terra que recuperei minha vontade viver, de sorrir (Colombiano apud PINTO, 2020, p. 134).

No assentamento, o MST promoveu a formação de dezenas de lideranças camponesas, atualmente envolvidas em diversas formas de cooperação, associativismo e lutas políticas. O local também é ponto de resistência ao Programa Grande Carajás, projeto de exploração mineral iniciado pela Vale nas décadas de 1970-80. O Projeto Carajás, como também é conhecido, ocupa uma área de 900 mil quilômetros quadrados dos territórios do Pará, Tocantins e Maranhão. O projeto, que atua em uma das maiores áreas de extração de minério do mundo, tem apoio político e econômico de autoridades e empresários locais, regionais, nacionais e internacionais.

## CONCLUSÃO

A classe dos garimpeiros, tão mal vista no país neste momento, notadamente devido à destruição do meio ambiente e à invasão de áreas indígenas, está à margem do sistema

capitalista, excluída política, econômica e culturalmente. O trabalho dos garimpeiros, produto de uma estrutura econômica perversa, é historicamente marcado pela opressão e subalternização. Apesar disso, eles tiveram papel importante na formação de assentamentos rurais na Amazônia, especialmente no sudeste paraense – fato pouco destacado na literatura sobre assentamentos rurais no Brasil. Isso se deve principalmente por terem aderido, em algum momento, ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Se a fotografia de Sebastião Salgado que mostra um garimpeiro desafiar bravamente o poder do policial militar pode ser lida como um ato isolado de insurgência, que demonstrou ser incapaz naquele instante de mobilizar outros garimpeiros na luta contra a tirania, a atuação do MST conseguiu criar condições para que ex-garimpeiros de Serra Pelada substituíssem o sonho frustrado de enriquecer com ouro pela luta e conquista de um pedaço de terra (FIG. 3). Os depoimentos de Colombiano, Paraguaio e Peruano são representativos dessa percepção.



FIGURA 3 – Camponesa alimenta porcos e aves em seu lote conquistado com apoio do MST nos anos 1990.  
FONTE – PINTO, 2020, p. 113.

Os entrevistados também ressaltam a dimensão da comunicação empregada pelo MST ao longo dos quase trinta anos do Assentamento Palmares II. Trata-se de um processo comunicativo que reforça o lugar comum, que dá vida às experiências históricas da luta camponesa. Nas entrevistas com lideranças e moradores de Palmares II, fica evidente a preocupação com o “outro”. Os assentados mantêm a prática da partilha, colaborando

mutuamente entre si. As interações entre os sujeitos e a realidade social contribuem para a manutenção do processo comunicativo do MST, que potencializa a sociabilidade e a continuidade na terra – uma das estratégias para garantir dignidade e melhores condições de vida aos camponeses e para enfrentar o capitalismo global. É necessário ressaltar, porém, que moradores de assentamentos rurais, além de povos indígenas, ainda correm o risco, especialmente neste momento que o país atravessa, de perderem partes dos territórios onde vivem. Mas a luta pela defesa da terra e do meio ambiente atravessa gerações. Hoje, em Palmares II, são os filhos dos pioneiros do assentamento que dão prosseguimento a saga de seus pais e antepassados em busca de justiça, paz e melhores condições de vida.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. (Org.). **Capitalismo globalizado e recursos territoriais: fronteiras da acumulação no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2010.

BUTLER, Judith. Levante. In: DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

CASTRO, Maria Ramos de (Org.). **Territórios em transformação na Amazônia: saberes, rupturas e resistências**. Belém: NAEA, 2017.

FERREIRA, Paulo Roberto. **Encurralados na ponte: o massacre dos garimpeiros de Serra Pelada**. Belém: Editora Paka-Tatu, 2019.

GODOI, Emília Pietrafesa de (Org.). **Diversidade do campesinato: expressões e categorias, v.2: estratégias de reprodução social**. São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. Tradução Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (Volume I).

LEONEL, Mauro. **A morte social dos rios: conflito, natureza e cultura na Amazônia**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

MARTINS, José de Souza. A epifania dos pobres da terra. In: MAMMI, Lorenzo; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **8 X fotografia: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

MATHIS, Armi. **Serra Pelada**. NAEA, nº 50, UFPA, 1996.

MEDEIROS, Leonilde & LEITE, Sérgio (Orgs.). **Assentamentos rurais: mudança social e dinâmica regional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

MOREIRA, Edma Silva; PEREIRA, Airton dos Reis. Government and popular participation in the Brazilian Eastern Amazon Region. **International Journal of Advanced Engineering Research and Science**. V. 7, nº 4, abril 2020. Disponível em: <https://ijaers.com/detail/government-and-popular-participation-in-the-brazilian-eastern-amazon-region/>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MUNIZ, Sodré. **A ciência comum: notas para o método comunicacional**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2014.

MUNIZ, Sodré. **Sobre a episteme comunicacional**. Revista Matrizes, nº 1, 2007, páginas 15-26.

NEGRI, Antonio. O acontecimento “levante”. In: **Levantes**. DIDI-Huberman, Georges. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

PINTO, Jax Nildo Aragão. **Acesso à terra, experiências de vida e de caso no Assentamento Palmares II**. 2020. 206 f. Tese (doutorado) – Fundação Oswaldo Cruz | Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, 2020.

ROSA, Amélia et. Al. **Epidemia de febre oropouche em Serra Pelada, município de Curionópolis, Pará, 1994**. Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, nº 29: 537-541, nov-dez, 1996.

SALGADO, Sebastião. **Gold: Serra Pelada**. São Paulo: Editora Taschen, 2019.

SALGADO, Sebastião. La Serra Pelada: les blancs pauvres sous la peau de l'indien. In: SALGADO, Sebastião. **Serra Pelada**. Paris: Éditions Nathan, 1999.